

Rico-23, Nova Variedade de Feijão Prêto Para a Zona da Mata, Minas Gerais

CLIBAS VIEIRA (*)

Considerando que a cultura do feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) é uma das mais importantes para Minas Gerais, tanto que êste Estado, em 1957, se colocou na posição de maior produtor brasileiro com um total de 337.800 toneladas (1), o Departamento de Agronomia da E.S.A. da U.R.E.M.G. iniciou, em 1955, um programa de melhoramento dessa leguminosa (**). Sendo a Zona da Mata aquela onde as variedades de feijão de côr preta contam geralmente com a preferência do consumidor, resolveu-se limitar o raio de ação do referido programa a essa Zona, visando o melhoramento dos feijões negros, principalmente.

De início, procurou-se coletar as diferentes variedades em cultivo na Zona da Mata, e fêz-se a introdução de outras, tanto nacionais, isto é, de outros estados, como estrangeiras, dando-se especial atenção àquelas de coloração preta. Essas coleções acham-se em observação, procurando-se conhecer as características que elas apresentam, principalmente o rendimento e a resistência às moléstias.

Em 1954, cêrca de 100 gramas de uma variedade de côr preta foi introduzida pela Dr. Paulo de Tarso Alvim, que a trouxe de Costa Rica, América Central. Tendo recebido o número 23 no livro de registro da coleção de variedades, o feijão costarriquenho passou a ter, após o seu nome original, o referido número, passando a denominar-se Rico-23. Multiplicado em 1955, entrou pela primeira vez em ensaio de competição entre variedades (***) no período "da sêca" do ano agrícola de 1955/56. Desde então o Rico-23 já foi incluído em sete experimentos de mesma natureza, e tão magníficos têm sido os resultados obtidos com êsse feijão prê-

(*) Prof. Assistente do Departamento de Agronomia da Escola Superior de Agricultura da UREMG - Viçosa.

(**) Parcialmente subvencionado pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

(***) Projeto 51 A 56 do Serviço de Experimentação e Pesquisas da U. R. E. M. G.

to, que o Departamento de Agronomia resolveu começar a distribuí-lo aos lavradores, a partir dêste ano, enquanto os trabalhos de melhoramento prosseguem.

A PLANTA — O Rico-23 possui um porte ereto, atingindo a altura aproximada de 65 cm em terrenos de fertilidade média. Apresenta, normalmente, 12 a 14 nós na haste principal. Tôdas as suas ramificações são de coloração verde, com exceção da parte terminal da haste principal que adquire ligeira coloração purpúrea.

As vagens ficam afastadas de 10 a 20 cm da superfície do solo e essa colocação dos frutos impossibilita o aparecimento de podridões nêles, tão comum em épocas chuvosas, quando as vagens estão em contato direto com o solo. Antes do amadurecimento completo, as vagens exibem coloração rosa-violácea que, com a sêca, passam para a côr amarelo-palha, sinal de que a colheita pode ser realizada. As vagens são retas e apresentam ponta marginal, isto é, ela se estende em linha com a sutura ventral do fruto. Cada vagem apresenta de 6 a 8 sementes normalmente.

As flôres desta variedade são de côr violeta.

A SEMENTE — O Rico-23 possui sementes quase reniformes, com extremidades truncadas, de côr preta, sem brilho (fig. 1), pequenas, pesando 100 sementes de 17 a 21 gramas. Esta variação de tamanho depende de vários fatores, e entre êles estão a temperatura, umidade, fertilidade do solo, espaçamento e época de plantio (3). Determinou-se para o Rico-23, colhido no período "das águas" do ano agrícola de 1958/59, em cultura exclusiva e obedecendo o espaçamento recomendado para êsse modo de plantio (2), em solo de fertilidade média que recebeu adubação fosfatada, cultura esta que rendeu 1628 kg/ha, os seguintes valores:

Pêso médio de 100 sementes: 17,2g (5 determinações).

Tamanho médio de 100 sementes: comprimento 9,02 mm, largura 6,00 mm, espessura 4,33 mm.

Número médio de sementes por litro: 4377 (3 determinações).

Pela forma da semente verifica-se que o Rico-23 pertence à variedade botânica *subcompressus* Alefeld.

Para o plantio de um hectare necessita-se de cerca de 60 quilos de sementes desta variedade. Do ponto de vista comercial é o tipo preferido na Zona da Mata, isto é, grão pequeno e prêto.

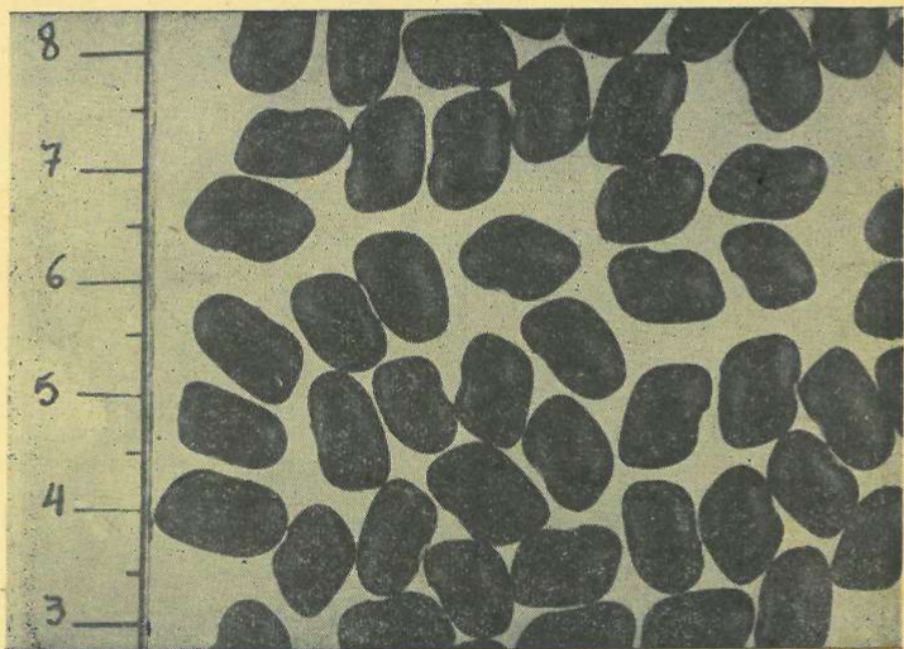


Fig. 1 — Feijão Rico-23 (escala em cm)

(foto de J. F. Castro)

COMPOSIÇÃO QUÍMICA — De acôrdo com as análises feitas pelo Laboratório de Análises Químicas da E.S.A. da U.R.E.M.G. (*), a composição química das sementes do Rico-23 é a seguinte, na base de matéria sêca:

Proteína bruta	20,3%
Extrato etéreo	1,6%
Fibra crua	4,1%
Extrato livre de nitrogênio	70,0%
Cinzas totais	4,0%

CICLO VEGETATIVO — De acôrdo com o solo e as condições climáticas, o Rico-23 leva, do plantio à maturação, de 85 a 95 dias. O seu ciclo vegetativo é, portanto, mais ou menos igual ao da grande maioria das variedades da Zona da Mata de Minas Gerais. Êle é, aproximadamente, cinco dias mais tardio que o Manteigão Fôsko e cinco dias mais precoce que o Roxão. Do plantio ao florescimento, normalmente, decorrem de 42 a 47 dias.

PRODUTIVIDADE — O rendimento médio do Rico-23 em sete ensaios de competição entre variedades, realizados de 1956 a 1959, em Viçosa, Dom Silvério e Ervália, foi 966 kg/ha. Todos êsses experimentos foram instalados em solos de fraca, média, ou de fraca para média fertilidade e, com exceção de um, não receberam adubação nenhuma. Na competição do período “das águas” do ano agrícola de 1958/59, foi aplicado ao solo do ensaio uma adubação fosfatada na base de 300 kg/ha de farinha de ossos. Êste fertilizante foi colocado nos sulcos de plantio, antes da sementeação do feijão, e o rendimento cultural foi 1628 kg/ha, o que equivale a uma colheita de 27 sacos para cada saco plantado.

Nos mencionados ensaios de competição entre variedades já foram incluídas 52 diferentes variedades, algumas em todos, outras em alguns dos ensaios. O Rico-23 vem, sistematicamente, produzindo mais do que tôdas as variedades — Porto Alegre Vagem Roxa, Prêto Vagem Riscada, Baetão, Carioca, Leite, Caeté, Mulatinho Paulista, Bico de Ouro, Roxão, Rosa, B. H. 4935, Catiara, Enxofre, Maçã, Redondão Prêto, etc., etc. — com exceção do Manteigão Fôsko-11, Manteigão Prêto-20 e Manteigão Lustroso-13, variedades possuidoras de grãos graúdos que, exceptuando-se a primeira, têm cotação comercial sempre inferior à do Rico-23.

RESISTÊNCIA ÀS DOENÇAS — O Rico-23 tem-se mostrado, na área em que êle foi estudado, resistência à antracnose, doença causada pelo fungo *Colletotrichum lindemul-*

(*) O Autor agradece ao Prof. Renato Sant'Ana a execução dessas análises.

thianum (Sacc. & Magn.) Bri. & Cav., e à ferrugem, causada pelo fungo *Uromyces phaseoli typica* Arth. Verificou-se, também, que esta nova variedade apresenta alguma resistência ao fungo *Sclerotium rolfsii* Sacc., um dos causadores da podridão das raízes dos feijoeiros, fato que está de acôrdo com a afirmativa de Yerkes *et al.* (5), segundo a qual, os feijões negros e "mulatinhos" são menos severamente afetados pelos fungos parasitas que vivem no solo. Realmente, o Autor tem verificado que as variedades de feijões pretos — Rico-23 e outros — e "mulatinhos" são, comparativamente, menos afetados pelo *Sclerotium rolfsii*.

A maior produtividade do Rico-23 é devida, em grande parte, à sua resistência às moléstias. Tanto isso é verdade que, principalmente nos períodos mais favoráveis à incidência da ferrugem e da antracnose, êle se destaca mais. O quadro explica melhor essa nossa afirmativa. E convém lembrar que essas são as duas principais doenças do feijão e, também, as de ocorrência mais comum.

QUADRO — Produção relativa de três variedades, em diferentes épocas.

Variedades	Épocas			
	"Sêca" de 1955/56	"Águas" de 1956/57	"Sêca" de 1956/57	"Águas" de 1958/59
Rico - 23	100	100	100	100
Prêto Vagem Riscada - 15	63	38	63	92
B. H. 4935 (prêto)	57	33	45	84
Incidência da antracnose	alta	alta	regular	pequena
Incidência da ferrugem	alta	regular	pequena	pequena

CONSIDERAÇÕES FINAIS — Viu-se que Rico 23 apresenta ótimas qualidades agronômicas, sendo capaz, por si só, de aumentar a produção de feijão numa dada propriedade agrícola sem haver aumento da respectiva área de plantio. Entretanto, para melhores resultados ainda, também é preciso proporcionar a êsse feijão todos os cuidados necessários para a obtenção de uma boa cultura, conforme descreve o Autor em outro trabalho (4).

BIBLIOGRAFIA

1. I. B. G. E. (1958). Anuário Estatístico do Brasil.
2. NEME, N. A. (1958). Cultura do feijão. O Agrônomo 10 (5-6):8-11.
3. STEINMETZ, F. H. & ARNY, A. C. (1932). A classification of the varieties of field beans, *Phaseolus vulgaris*. Jour. Agric. Research 45:1-50.
4. VIEIRA, Clibas (1959). O feijão comum e sua lavoura. Boletim de Agricultura Dep. Prod. Veg. Minas Gerais 8 (1-2):19-31.
5. YERKES, W. D. (Jr.), NIEDERHAUSER, J. S. & CRISPIN M., A. (1954). Enfermedades del frijol en Mexico. Oficina de Estudios Especiales, S. A. G., Mexico. (Folleto de Divulgacion n° 15).

